



Elementos para uma teologia ecumênica dos sacramentos

Elements for an ecumenical theology of the sacraments

ELIAS WOLFF ^a

Resumo

No contexto dos esforços por renovação da teologia dos sacramentos é importante desenvolver a sua perspectiva ecumênica. Isso implica em articular a reflexão de modo a interpretar as vivências sacramentais no interior do pluralismo eclesial, com plausibilidade de ser acolhida por igrejas diferentes. A partir daí, é possível apresentar elementos para uma teologia ecumênica dos sacramentos. Tal é o objetivo deste estudo, o que requer uma reconstrução epistemológica, no método e na hermenêutica do conteúdo dos sacramentos da fé cristã. O método utilizado parte das experiências concretas de cada sacramento, analisado de forma comparativa e dialogal entre igrejas diferentes para, num modo indutivo, propor uma compreensão geral e ecumênica dos sacramentos. Para tanto é fundamental o uso da linguagem analógica. Esperamos, de um lado, sermos fiéis às especificidades do que cada igreja crê pelos seus sacramentos; e, de outro lado, mostrar uma fé comum em todas elas, ou mostrar que o específico na vida sacramental de uma igreja não lhe é assim tão específico, ao menos não lhe é exclusivo.

Palavras-chave: Sacramentos. Ecumenismo. Igreja.

Abstract

In the context of efforts to renew the theology of the sacraments, it is important to develop its ecumenical perspective. This implies articulating reflection in order to interpret sacramental experiences within ecclesial pluralism, with the plausibility of being welcomed by different churches. From there, it is possible to present elements for an ecumenical theology of the sacraments. Such is the objective of this study, which requires an epistemological reconstruction, in the method and in the hermeneutics of the content of the sacraments of the Christian faith. The method used starts from the concrete experiences of each sacrament, analyzed in a comparative and dialogical way between different churches in order, in an inductive way, to propose a general and ecumenical understanding of the

^a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, Brasil. Doutor em Teologia, e-mail: elias.wolff@pucpr.br

sacraments. Therefore, the use of analog language is fundamental. We hope, on the one hand, to be faithful to the specifics of what each church believes by its sacraments; and, on the other hand, to show a common faith in all of them, or to show that what is specific in the sacramental life of a church is not so specific to it, at least it is not exclusive.

Keywords: *Sacraments. Ecumenism. Church.*

Introdução

No estado de divisão em que o cristianismo se encontra, o termo “sacramento” possui diversos significados e expressões rituais, muitas vezes causando tensão nas relações entre as igrejas. Temas como a instituição dos sacramentos; o número dos sacramentos; a natureza da graça sacramental; o ministro, entre outros, são ainda em nossos dias *quaestiones disputatae* entre pesquisadores de diferentes igrejas. O objetivo deste estudo é verificar em que medida os sacramentos, entendidos como dom de Deus para quem professa a fé em Cristo, são sacramentos de uma tradição eclesial, exclusivamente, ou são sacramentos de toda a igreja, entendida como a única igreja de Cristo. Perguntas várias orientam a nossa reflexão, como: qual o possível significado de sacramento que possa ser acolhido por todas as igrejas? Podemos afirmar que existe uma *injusta* apropriação confessional do dom sacramental que é dado universalmente? Quais consensos já foram obtidos pelo diálogo ecumênico sobre tais questões? Como a divisão entre as igrejas não se legitima por ser impedimento da vivência do dom comum, é preciso refletir sobre como possibilitar uma reconciliação das igrejas que se enraíze e se expresse numa comum compreensão e vivência dos sacramentos. Chamamos essa reflexão de *teologia ecumênica dos sacramentos* no sentido de que ela trata das razões pelas quais as igrejas estão distanciadas na vivência dos sacramentos e aponta caminhos para efetivas convergências e consensos. O nosso método de pesquisa é a análise qualitativa da bibliografia pertinente ao objeto de estudo. O principal resultado esperado é o entendimento de que os sacramentos podem ser compreendidos como sinais, meios e instrumentos para a reunificação histórica da igreja.

Dessa forma, pretendemos colaborar para suprir uma das carências de uma sistematização teológica dos sacramentos: sua ecumenicidade. Muitas revisões são feitas da teologia sacramental nas diferentes igrejas, mas praticamente todas são de caráter confessional. Uma das revisões que mais fez história nos meios

católicos é a de Dionísio Boróbio, a qual apresenta as “razões que impelem a uma nova síntese sacramentológica” nas perspectivas teológica, cristológica, pneumatológica, eclesiológica, escatológica, antropológica, sociocultural e pastoral (BOROBIO, 1990, p. 288-290). Mesmo que aborde questões ecumênicas dos sacramentos, o ecumenismo, entendido como esforço por buscar a comunhão de fé nas diferentes igrejas, não é apresentado como uma “razão” para a revisão da teologia sacramental. E é exatamente nisso que pretendemos avançar aqui. Não haverá unidade na fé cristã enquanto as igrejas não estabelecerem consensos na teologia e na prática dos sacramentos da fé. Normalmente os sacramentos são utilizados para marcar e acentuar a divisão cristã. Urge mudar esse fato, mostrando os sacramentos como símbolos da comunhão na fé em Cristo.

1. Em busca da perspectiva ecumênica da teologia sacramental

Louis-Marie Chauvet mostra três perspectivas da teologia sacramental: 1) *objetivista*, que expressa a compreensão agostiniana de sacramentos como “sinal de uma realidade sagrada”, “sinal sagrado”, acentuando a produção da graça, na eficácia objetiva do sinal” (CHAUVET, 2001, p. xiv); 2) *subjetivista*, em reação ao institucionalismo e objetivismo da teologia sacramental — aqui “O valor dos sacramentos é primeiramente vinculado com a *sinceridade subjetiva* de cada pessoa” (CHAUVET, 2001, p. xvii), como expressões da realidade pessoal; 3) e a do *Vaticano II*, na qual o acento é dado à sacramentalidade da igreja, como “sacramento fundamental” enquanto dependente da fonte dos sacramentos que é Deus e é o lugar do encontro de Deus com a humanidade. A base é o ensino da *Sacrosanctum concilium*, a qual: explicita a autenticidade da matéria, dos gestos, da linguagem e do modo da celebração; evita o objetivismo excessivo e considera o valor positivo da experiência vivida na vida cristã; enfatiza a sacramentalidade da vida como um todo, que se expressa no cotidiano do testemunho da fé; e expressa a dimensão eclesial e comunitária dos sacramentos, superando a tendência subjetivista (CHAUVET, 2001, p. xvii-xviii).

Assim, na história das igrejas, os sacramentos são vistos, de um lado, como ritos pelos quais Deus atua para transmitir uma graça especial – e no caso da

Eucaristia muda a substância das realidades materiais do sacramento. De outro lado, os sacramentos são considerados apenas símbolos externos ou memória da ação de Deus. Tanto a visão objetivista quanto a subjetivista dos sacramentos são mutuamente excludentes e não possibilitam espaços para um diálogo entre as igrejas em vista de convergências e consensos ecumênicos na teologia dos sacramentos. Mas a terceira perspectiva apresentada por Chauvet oferece condições para isso. Ela possibilita integrar elementos importantes das perspectivas anteriores na construção de uma teologia sacramental ecumênica. É o que propomos aqui, compreendendo os sacramentos como símbolos de comunhão entre Deus e os fiéis, dos fiéis entre si e de suas igrejas.

2. Entre diferenças e divergências na teologia sacramental

As igrejas têm doutrinas, linguagens e liturgias próprias sobre os sacramentos e por esses elementos expressam a sua identidade cristã e eclesial. Essas especificidades precisam ser consideradas como o ponto de partida para o diálogo. O consenso sobre o que é um sacramento se sustenta não em uma regulamentação linguística, mas numa tradição consolidada e numa doutrina vinculante. Entre católicos e ortodoxos, não há graves desacordos. Há costumes diversos, como a unidade temporal da celebração dos três sacramentos da iniciação na Igreja Ortodoxa, e a separação entre Batismo e Confirmação na Igreja Católica; ou o ministro da Confirmação — o presbítero para ortodoxos e o bispo para católicos. Mas essas diferenças não afetam o consenso teológico de que “a celebração dos sacramentos confirma a comunhão de fé entre as igrejas e a manifesta” (COMISSÃO INTERNACIONAL CATÓLICA-ORTODOXA CALCEDONENSE, 1995, n. 23, p. 785). Para estas tradições, “os sacramentos da igreja são ‘sacramentos da fé’” e possibilitam a ação do Espírito que conduz à salvação em Cristo (COMISSÃO INTERNACIONAL CATÓLICA-ORTODOXA CALCEDONENSE, 1995, n. 15, p.782). A fé é formulada e celebrada nos sacramentos, o que requer estreita relação entre a formulação e a tradição da igreja, sobretudo os símbolos da fé. As igrejas locais podem desenvolver diversas formulações e ritos em conformidade com suas situações específicas. Essa diversidade não deve, porém, comprometer a expressão da fé transmitida desde sempre: “A vida da igreja pode

comportar novas expressões verbais da fé, ‘transmitida aos fiéis uma vez por todas’ (Jd 3), quando novas necessidades históricas o exigem, tendo a explícita vontade de não mudar o conteúdo da doutrina” (COMISSÃO INTERNACIONAL CATÓLICA-ORTODOXA CALCEDONENSE, 1995, n. 28, p. 786).

Mas há significativas divergências na doutrina e na prática sacramental entre as igrejas católica e ortodoxa, de um lado, e as demais igrejas, de outro lado. Tais divergências vão além da teologia dos sacramentos; trata-se de um distanciamento na doutrina da graça e suas mediações. As tradições eclesiais da Reforma compreendem os sacramentos no contexto da doutrina da justificação. E aqui é preciso atingir um consenso sobre qual é a relação entre um sacramento e a graça de Cristo que justifica o ser humano. Naturalmente, a graça sacramental não é a única expressão da graça crística. Mas os sacramentos são afirmados como um meio privilegiado para a sua recepção. Isso diz respeito à perfeição ou santidade da vida cristã. Pode carecer algo na recepção da graça de Cristo aos cristãos que recebem apenas dois sacramentos ao longo da sua vida e, por outro lado, em que medida pode se considerar “mais” cristão quem pertence a uma comunidade que celebra sete sacramentos? É claro que a qualidade da vida cristã não se mede pela simples recepção de mais ou menos sacramentos. Ela consiste na expressão de um horizonte de sentido que configura o ser da pessoa como discípula e testemunha de Cristo. E tal se expressa pelo agir no cotidiano das relações com as pessoas, por gestos de solidariedade, justiça e caridade — isso de forma integrada na comunidade de fé onde se celebram os sacramentos que configuram o ser e o agir cristão. Mas a qualidade da vida cristã não depende do número de sacramentos recebidos.

A questão acima diz respeito também à eclesiologia, uma vez que os sacramentos são entendidos como constituintes da igreja. É inevitável a pergunta sobre o estatuto teológico das igrejas a partir da doutrina dos sacramentos. Essa pergunta surge, por vezes, de uma forma incômoda: o que caracteriza o ser igreja é a formação de uma comunidade de fé e testemunho convicto de Jesus Cristo, ou a celebração cultural dos sinais da fé? Os sacramentos são fins ou são meios da fé? Se são meios, pode a fé ser plena, perfeita, tendo meios sacramentais diferentes? Qual a possibilidade de compreender que a plenitude da graça sacramental celebrada nas igrejas que têm sete sacramentos se encontra também nas igrejas que numericamente afirmam menos sacramentos? Pode haver formas não

sacramentais de celebrar o mistério da fé e receber a graça que em algumas igrejas se obtém pelos sacramentos?

3. Questões epistemológicas

As questões acima apresentadas tocam diretamente nos temas da instituição, do número, da natureza e do rito dos sacramentos, e não encontram respostas definitivas nas atuais doutrinas das igrejas. Mas o diálogo ecumênico possibilita hoje um clima mais favorável para a busca de respostas comuns, como pretendemos demonstrar adiante. Em outro estudo, apresentamos o *status quaestionis* da controvérsia entre as igrejas sobre a teologia sacramental (WOLFF, 2018). Aqui vamos tratar de algumas questões não consideradas naquela ocasião, de natureza mais epistemológica, presentes nas controvérsias sobre os sacramentos:

a) A primeira questão é a compreensão de “sacramento” e como identificá-lo nos diferentes ritos sagrados de cada tradição. De um lado, as igrejas manifestam consenso no significado cristão dos sacramentos. Mas, de outro lado, divergem na identificação dos sinais sacramentais, na concepção teológica de cada um deles, na vivência litúrgica e na organização pastoral. Então algumas igrejas consideram sacramento aquilo em que outras veem apenas um “sacramental” — um sinal que pode remeter a uma realidade sagrada, mas que não possui a natureza de um sacramento propriamente dito, como o Batismo e a Ceia: “para Protestantes, batismo e a Eucaristia são sacramentos; os outros cinco são sacramentais” (FIEDLER; GARRISON, 1969, p. 88).

b) A questão decorrente diz respeito aos critérios utilizados para determinar um rito sagrado como um sacramento. Em geral usam-se três critérios: a instituição por Cristo; um sinal externo visível que possa remeter a uma realidade invisível, interna, a graça; e os sacramentos como necessários para a salvação. Mas há divergências quanto à autoridade que garante a aplicação desses critérios. Aqui temos uma questão eclesiológica: enquanto para os católicos o magistério é quem tem a autoridade para tal definição, os evangélicos enfatizam que “a base principal para a validade dos sacramentos, contudo, é a natureza verdadeira da totalidade de seu evangelho, o qual toda a Escritura e a vida da igreja atestam” (FIEDLER; GARRISON, 1969, p. 86). A convergência possível seria

entender por “totalidade do evangelho” o que diz respeito também ao ensino da igreja, o que ela “atesta”, escapando do biblicismo sacramental. Mas estamos, ainda, distantes disso.

c) A relação entre Palavra e sacramentos: na compreensão da relação entre a graça experimentada e o sinal sacramental utilizado para expressá-la, a tradição protestante enfatiza o vínculo entre sacramentos e Palavra, entendendo os sacramentos como manifestação da graça já dada ao acolher o Evangelho: “Os sacramentos são a maneira de a igreja colocar em destaque a Palavra salvadora” (FIEDLER; GARRISON, 1969, p. 89). Católicos e ortodoxos não negam o vínculo entre sacramentos e Palavra, mas também não os entendem como apenas manifestação da graça já dada na Palavra. Os sacramentos são, por si mesmos, realizações da graça, a contêm e a comunicam ao fiel. Isso significa afirmar os sacramentos mais que meros sinais que indicam uma realidade fora de si. Por isso eles são modos de comunicação pessoal de Deus com a humanidade; por eles quem se manifesta e atua “é Cristo numa presença real dando-nos de novo sua redenção” (FORSYTH, 1917, p. 176).

d) Outra questão conflitiva é que as diferentes compreensões e práticas sacramentais nas igrejas mostram distintas relações entre sacramentos e fé, como também sacramentos e graça, questionando o que significa dizer que os sacramentos “causam” ou apenas “expressam” a graça, se são “meios” ou apenas “sinais” da graça e qual a sua validade e eficácia para isso. A questão é saber o que, de fato, o sacramento opera na vida de quem o recebe e qual a participação do fiel, pela fé, na recepção do dom sacramental.

Para expressar o conteúdo da fé cristã — a graça — o sinal/símbolo foi associado ao sacramento. Mas o conteúdo e o meio são distintos, a graça de Cristo e o sacramento não são a mesma coisa, mesmo se intimamente relacionados. Portanto, é uma complexa tarefa teológica justificar a relação entre graça e sacramento. Esse conceito é vinculado à experiência da graça de Cristo, mas ele é problemático para indicar a forma como a graça é recebida na igreja. A teologia clássica não resolve todas as questões que emergem ao se afirmar os sacramentos como mediações da experiência da graça de Cristo para os cristãos de hoje.

e) É importante considerar também a diversidade terminológica das igrejas para designarem seus ritos sagrados: mistérios (ortodoxos), sacramentos

(católicos), ordenanças (protestantes). É preciso verificar se essa diferença é apenas linguística ou também de conteúdo. Há protestantes que rejeitam o termo sacramento porque ele não se encontra no Segundo Testamento ou por oporem-se à compreensão que dele tem a Igreja Católica, criticando essa de forçar o conceito a indicar uma eficácia quase mecânica a certos atos humanos, independente da fé dos crentes. Por essa razão, em geral adotam o termo “ordenanças” e, por vezes, “mistérios”. Compreendem que “ordenança” enfatiza a instituição por Jesus e a resposta de fé dos crentes. Karl Barth rejeitou o termo “sacramento”, chamando o Batismo e a Ceia do Senhor de “testemunhos” ou “sinais” (BARTH, 1967, p. 55). O teólogo batista James McClendon designa o Batismo, a proclamação e a Comunhão de “sinais rememorativos”, vinculados à história da salvação de Deus para fiéis em particular e comunidades crentes (McCLENDON JR., 1994, p. 386-406). Contudo, observa-se que teólogos que rejeitam o termo sacramento “acreditam que batismo e Ceia do Senhor são ocasiões nas quais os crentes estão empenhados na unidade com Cristo no poder do Espírito” (MOORE-KEISH, 2015, p. 398), e nisso convergem com quem usa esse termo. Mais, apontam para a possibilidade de purificar esse termo do significado mágico ou materialista que lhe foi dado, principalmente na Idade Média. Outros teólogos protestantes adotam o conceito sacramento — inclusive entre os batistas onde o abandono do termo foi deveras expressivo — por ele indicar um juramento de lealdade (ELLIS, 1996, p. 23-45), bem como uma prática humana sobre a qual o Segundo Testamento atesta que, quando o ser humano o realiza, é Deus quem está agindo (YODER, 1992, p. 44.71).

Mas a discussão sobre os sacramentos vai muito além da terminologia. São questões que exigem das igrejas um diálogo sincero sobre os sinais que expressam a vida cristã e sua relação com a concepção de igreja, do culto litúrgico e da missão. E isso impele à construção de uma teologia ecumênica dos sacramentos.

4. A articulação da teologia ecumênica dos sacramentos

4.1 O construto epistêmico e metodológico

Uma teologia ecumênica dos sacramentos significa, de um lado, uma teologia geral dos sacramentos, como uma compreensão dos sinais da fé que seja possível de ser aplicada aos sacramentos particulares. De outro lado, significa também uma teologia dos sacramentos capaz de interpretar as vivências sacramentais no interior do pluralismo eclesial e possa ser acolhida por igrejas diferentes. Tal proposta tem, assim, duas finalidades: ser uma teologia fundamental dos sacramentos e ser um diálogo teórico-prático dos sacramentos entre diferentes tradições eclesiais. Trata-se de uma sacramentologia fundamental/geral e ecumênica.

Naturalmente, o “geral” e o “ecumênico” não são a mesma coisa. Uma teologia geral dos sacramentos não é, necessariamente, ecumênica. “Geral” aqui está se referindo à aplicabilidade da teoria aos diversos sacramentos, o que pode acontecer numa reflexão confessional, inclusive antiecumênica. Já a expressão “ecumênica” é a aplicabilidade de uma mesma teoria sacramental a igrejas diferentes. O “geral” quer dizer aplicável a todos os sacramentos, mesmo de uma só igreja, e o ecumênico é aplicável à diversidade de igrejas.

O que precisa ser verificado é se tal teologia dos sacramentos, simultaneamente geral/fundamental e ecumênica, é de fato possível, pois não existe sacramento “em geral” que sustente uma teoria geral dos sacramentos. Estes são bem concretos, vividos em situações existenciais também concretas dos fiéis em suas comunidades igualmente concretas. Assim precisamos enfrentar sérios desafios metodológicos: deve-se assumir alguma das compreensões e práticas eclesiais atuais como chão e horizonte de uma teologia ecumênica dos sacramentos, uma vez que seria demasiado abstrata uma sacramentologia que prescindisse da vivência sacramental concreta? Mas não parece uma opção favorável ao diálogo privilegiar uma determinada tradição eclesial para uma teologia sacramental que se pretende ecumênica. Ou deve-se partir de princípios gerais de uma teologia ecumênica como chave de uma compreensão dos sacramentos particulares possível de ser aceita por diferentes igrejas? A questão é como construir tais princípios como ponto de partida da reflexão sem incorrer

numa abstração vazia. Enfim, deve-se partir de uma definição geral dos sacramentos para aplicá-la depois aos sacramentos particulares? Ou partir dos sacramentos particulares, como o Batismo e a Eucaristia para ali encontrar os elementos que possam ser aplicados numa teologia geral dos sacramentos?

A nossa opção metodológica é partir das experiências concretas de cada sacramento, analisado de forma comparativa e dialogal entre igrejas diferentes para, num modo indutivo, propor uma compreensão geral e ecumênica dos sacramentos. Nesta opção aparece a dificuldade de compreender um sacramento particular sem uma teoria prévia que possibilite a sua interpretação. A saída é buscar no concreto da vivência sacramental das igrejas as chaves da interpretação dos sacramentos. Boróbio nos orienta para essa direção quando analisa esse problema metodológico:

o conceito geral de sacramento deve ser deduzido da própria experiência celebrativa do sacramento, e não de um esquema apriorístico dele. Ele deve servir para explicar a realidade plural, não para condicioná-la. Deve ser chave interpretativa que possibilite o acesso à situação sacramental concreta, e nunca um obstáculo para uma interpretação circunstanciada (BORÓBIO, 1990, p. 286).

O desafio é assegurar as exigências da ecumenicidade da teologia dos sacramentos. Para isso, partimos da vivência sacramental concreta das igrejas para construir uma teoria sacramental possível de ser assumida por elas. Não se deve propor uma igreja como modelo de vida sacramental. É importante ir noutra direção: partir do sacramento particular como tal (Batismo, Eucaristia...) para verificar como ele é compreendido e vivido nas diferentes igrejas. Mas aqui emerge outro problema: esse sacramento já é situado numa vivência eclesial concreta, não há como partir de uma experiência sacramental abstrata. Então a saída será assumir “o concreto eclesial” de forma plural, ou seja, de diferentes igrejas, e analisá-los comparativamente e dialogicamente. Isso possibilitará entender o que é um sacramento particular, vivido numa tradição eclesial concreta e, ao mesmo tempo, expressar a sua dimensão ecumênica.

Assim, de um lado, mantém-se a fidelidade às especificidades do que cada igreja crê pelos seus sacramentos e, de outro lado, pode-se mostrar uma fé comum em todas elas, ou mostrar que o específico na vida sacramental de uma igreja não lhe é assim tão específico, ou ao menos não lhe é exclusivo. As especificidades podem dizer respeito mais à *forma* do que ao *conteúdo* do que se

crê pelos sacramentos. De um lado, é preciso valorizar a fé de cada igreja particular que se enraíza e se expressa pelos seus sacramentos. De outro lado, faz-se necessária uma teologia sacramental que aponte para uma fé comum, mostrando que a comunhão na fé se afirma na medida em que houver real comunhão nos sacramentos.

Resolve-se, desse modo, o problema de como fazer com que uma “teologia geral” dos sacramentos seja também “ecumênica”. A compreensão dos sacramentos precisa responder às diversas necessidades interpretativas do pluralismo eclesial do nosso tempo. Isso amplia de forma considerável as dificuldades dessa tarefa, expressando a complexidade de se elaborar uma teoria sacramental que seja significativa para as diferentes formas de vivência sacramental em diferentes tradições eclesiais.

Para tanto é fundamental o uso da linguagem analógica, utilizando expressões linguísticas comuns para mostrar um conteúdo também comum dos sacramentos vividos em formas eclesiais diferentes. Parte-se, assim, da realidade sacramental concreta das igrejas para, comparativamente e fazendo uso do princípio da analogia de situações sacramentais diversas, mostrar como os sacramentos são símbolos que vinculam na fé, alargando os caminhos que conduzem à superação da divisão existente no mundo cristão. A linguagem analógica decorre da opção metodológica feita. Assim como a construção de uma teologia geral dos sacramentos parte da observação dos sacramentos particulares, uma teologia ecumênica dos sacramentos parte da observação interpretativa e comparada da vivência sacramental concreta das igrejas. A análise comparada permite verificar o que há de convergências e de consensos na compreensão dos sacramentos vividos no interior do pluralismo eclesial, ao mesmo tempo que explicita as divergências e aponta possíveis caminhos para a sua superação. Os sacramentos são, então, entendidos como símbolos de comunhão.

4.2 Contribuições da fenomenologia

A construção de uma teologia ecumênica dos sacramentos tem sensibilidade às mudanças culturais que em nosso tempo contribuem para novas concepções e práticas sacramentais. A revolução comercial, tecnológica e social

dos séculos XIX e XX gerou a cultura pós-moderna que apresenta novos desafios para a teologia sacramental. O processo de secularização distancia a muitos da prática sacramental e reconfigura os costumes religiosos. Novas questões da vida sociocultural são incorporadas na reflexão da fé cristã, nova linguagem e novas práticas sacramentais emergem da vida das comunidades. Nesse contexto, a teologia sacramental é levada a rever a linguagem que se sustenta em termos como “substância”, “matéria e forma”, “presença real”, entre outros. Na teologia eucarística, por exemplo, emerge a pergunta se a substância do dom sacramental pode ser ainda hoje compreendida em termos de “presença”; se o fato de ser “mistério” não estaria desestruturando a noção do ser como presença (CASARELLA, 2015, p. 427). Estudiosos concluem que “Mais do que fazer-se presente num modo de auto-comunicação substancial, a figura simbólica da proximidade de Cristo ao receptor da graça do sacramento é melhor entendida como um evento dando-se a si mesmo. Categorias dinâmicas substituem aquelas estáticas” (CASARELLA, 2015, p. 427). Nicholas Wolterstorff, contrapondo Tomás e Calvino, compreende os sacramentos como permanente “Ação” do Espírito, mas não “Presença” (WOLTERSTORFF, 1996, p. 103-122); P. Tillich e K. Rhaner apresentam uma mediação entre “presença” e “ação”, mostrando os sacramentos como “ações simbólicas” que medeiam a presença de Deus (VORGRIMLER, 1992, p. 72-73).

Tais compreensões dos sacramentos se desenvolvem na perspectiva da fenomenologia. O aristotelismo é revisto quando a fenomenologia nos mostra que o que é percebido pelos sentidos pode não dizer respeito a um atributo objetivo da realidade que foi separada de nossa percepção. Isso se verifica no abandono da compreensão substancialista dos sacramentos em favor de uma compreensão fenomenológica e existencial. Serve como base a compreensão que Merleau-Ponty tem de fenomenologia como

o estudo das essências; de acordo com isso, todos os problemas equivalem a encontrar definições de essências ... Mas fenomenologia é também uma filosofia que coloca as essências de volta à existência e não espera chegar a um entendimento do homem e do mundo por outro ponto de partida que não seja a ‘faticidade’ ... Voltar às coisas em si (como Husserl, o pai da fenomenologia moderna, aconselhou) é retornar àquele mundo que precede o conhecimento, do qual o conhecimento sempre fala, e em relação ao qual toda esquematização científica é uma linguagem de sinais abstrata e derivada (MERLEAU-PONTY, 1962, p. vii-ix).

A fenomenologia pode ajudar a teologia sacramental a ver a essência dos sacramentos “em termos do que acontece na vida das pessoas, descritivamente” (BROWNING; REED 1985, p. 8). É importante identificar o “que é percebido” ao usar a matéria específica de cada sacramento, como água, pão, vinho, óleo, etc. O “que é percebido” no uso desses elementos é o que de fato fala profundamente ao fiel que celebra o sacramento, e o que tem sentido como “realidade”. A descrição do que de fato acontece e como o fiel percebe tal realidade em sua experiência particular, dá sentido ao sacramento. Assim, uma abordagem fenomenológica da sacramentologia “foca sobre a descrição das essências que são simbolizadas nas experiências da vida de quem vive os sacramentos” (BROWNING; REED, 1985, p. 7). Desse modo eles tem significado existencial, iluminam e fortalecem a vida cristã.

Mas a percepção é subjetiva e isso corre o risco de diminuir ou mesmo eliminar o aspecto objetivo dos sacramentos. Eles “produzem” algo no fiel, mesmo que não seja “percebido”. E a realidade que o sacramento cria é sempre maior do que aquilo que a percepção colhe. Assim, de um lado, a perspectiva fenomenológica contribui para libertar a teologia sacramental da rigidez objetivista. Mas, de outro lado, libertar não é cancelar ou descaracterizar o aspecto objetivo e real do sacramento. É preciso garantir que, na perspectiva fenomenológica, a percepção tenha uma dimensão de imanência e de transcendência: “Imanência, porque o objeto percebido não é estranho a quem o percebe; transcendência, porque ele sempre contém algo mais do que é atualmente dado” (MERLEAU-PONTY, 1962, p. xiv). As experiências particulares em cada sacramento específico apontam para realidades transcendentais, das quais ele é símbolo de comunhão.

4.3 Revisão da relação entre graça e natureza

A comunhão entre Deus e os fiéis é hoje compreendida através de uma nova visão da relação entre graça e natureza humana. Essa compreensão é possibilitada pelo abandono da visão do sacramento como um rito religioso pelo qual Deus invade o nosso mundo profano. Em troca, desenvolve-se uma percepção dos sacramentos como símbolos de um Deus constantemente presente em toda realidade (BROWNING; REED, 1985, p. 4). Somente assim os

sacramentos expressam real integração entre a graça e a natureza humana. Não são duas realidades que se opõem nem são justapostas ou compartimentadas, mas dinamicamente interativas. Desde que Rhaner afirmou a base antropológica da teologia, superou-se toda separação e oposição entre o natural e o sobrenatural. Não há uma “natureza pura”, fora da graça, e outra realidade considerada “sobre-natural” que penetra naquela em algum momento pontual. A graça não é algo extrínseco da vida humana, como se Deus atuasse a partir de fora de nossa realidade. O ser humano é entendido como “existencial sobrenatural” (RHANER, 2002, p. 63) onde o humano/matéria e o divino convivem essencialmente, sem confundir e também sem estranhar um ao outro.

Entendemos, assim, uma espiritualidade sacramental de toda a realidade. Nesse sentido, tem-se nova compreensão sobre a natureza dos sacramentos através da compreensão de como atua a graça de Deus em nosso mundo. Os sacramentos deixam de ser vistos como uma ação divina que estando alheia à história humana intervém apenas em momentos específicos, durante a celebração, como numa operação cirúrgica para extirpar um mal que nos afeta. Ao contrário, a graça é o que há de mais intrínseco em nossa vida e em toda realidade. Deus atua a partir do que há de mais interior em tudo o que existe. Somente desse modo pode-se entender a graça como o que sustenta e fundamenta toda realidade. E por isso a ação de Deus não é pontual, mas constante. Então, mais que afirmar os sacramentos como um momento circunstancial da ação da graça, é importante mostrá-los como uma intensificação da experiência que dela fazemos permanentemente na profundidade de nosso ser. Também não é apenas uma tomada de “consciência” mais explícita, mas um aprofundamento da “experiência” da ação divina em nós. Sacramento é, assim, símbolo de encontro, de relação e de comunhão.

5. O consenso na especificidade sacramental

Sacramentum é um termo utilizado para designar os ritos cristãos mais significativos na comunidade eclesial. No Ocidente, esse vocábulo — que originalmente expressava o juramento de fidelidade aos deuses pátrios, sobretudo nos meios militares — foi utilizado em meios cristãos, a partir de Tertuliano, como tradução do conceito grego *mysterion*, enquanto no Oriente continuou-se o uso do termo *mysterion* para referir-se ao mistério de Cristo, à

igreja, às Escrituras, à Eucaristia e ao Batismo, entre outras realidades. A ideia de “sacramento” no mundo cristão conserva o sentido original de “fidelidade”, mas se enraíza na compreensão de que a salvação que Deus quer dar à humanidade se realiza em Jesus Cristo, o qual atua na igreja e no mundo através de pessoas, palavras, eventos, sinais, que podem ser ritualmente vividos na comunidade eclesial. Essa concepção tem amparo nas passagens das Escrituras onde se verifica que a salvação e a vida eterna são mediadas por acontecimentos e palavras (Ef 5,26), por dons terrenos concedidos pelo Senhor (Jo 6, 53-58), que nos ritos da igreja acontece o mistério da regeneração (Tt 3,5; 1Pd 1,23; 2,2; Jo 3,3-8), da santificação (Hb 12,9-11) e da união permanente com Ele (Jo 6,56-57) (SCHNACKENBURG, 1994, p. 949). Os ritos que expressam essas realidades passaram a ser entendidos como “ações sagradas”, sobretudo o Batismo e a Ceia, pelas quais Deus atua na vida dos fiéis. Deus serve-se de elementos como a água, o pão, o vinho e o óleo para conceder sua graça salvífica.

Emerge a questão de se os sacramentos cristãos são prefigurados ou têm analogia com ritos das diferentes culturas e, sobretudo, do povo hebreu. Ratzinger e Auer entendem que os ritos do Primeiro Testamento possuem um “caráter exemplar” para os sacramentos do Segundo Testamento, mas os mistérios pagãos não têm uma implicação direta nos sacramentos cristãos (AUER; RATZINGER, 1995, p. 23). Já O. Casel e K. Prumm consideram que a linguagem cristã tem alguma relação com a linguagem religiosa de outras culturas, como se pode ver, segundo eles, entre a linguagem do misticismo em Paulo e a linguagem dos mistérios nos cultos de sua época (AUER; RATZINGER, 1995, p. 24-25). Mais concreta é a relação entre os sacramentos da igreja com alguns sinais da fé do povo hebreu, como se verifica claramente na Eucaristia que utiliza elementos da páscoa judaica; o Batismo de João, com água e seu efeito de perdoar pecados; a presença de Jesus nas bodas de Caná mostra seu apreço pelo Matrimônio da tradição judaica, e assim por diante. O fato é que tais ritos na comunidade cristã ganham um sentido novo: “a realidade significada e atuada igualmente por todos os sacramentos é o Mistério de Cristo [que] é a relação e a atuação do amor de Deus” para a humanidade. Tal é o conteúdo essencial de todos os sacramentos cristãos, “porquanto diferente é o modo pelo qual [essa realidade] é significada e concretizada segundo a diferença do “sinal sacramental” (MARSILI, 2010, p. 170).

As igrejas entendem juntas que “sacramento” é um conceito empregado para designar realidades diferentes, mas que possuem algo em comum que as vincula essencialmente. Indica realidades externas e visíveis, constituídas de materialidade, que apontam para algo além do que se vê, uma realidade espiritual. Tal é quando falamos que a água do Batismo purifica e regenera a pessoa dando-lhe um “novo ser” — cristão; que o pão e o vinho utilizados na Ceia eucarística são “corpo e sangue de Cristo”; ou que as palavras da absolvição “perdoam pecados”. Aqui utilizamos o mesmo termo, “sacramento”, para o Batismo, a Ceia e a Penitência. De um lado, não está indicando a mesma coisa; de outro lado, também não se refere a realidades contraditórias. A realidade interna — o mistério e a graça de Cristo — que se expressa em cada um dos sacramentos os vincula essencialmente. Cada sacramento é uma expressão própria de uma mesma e única graça crística.

Os sacramentos cristãos são, portanto, concretização e concentração da realidade divina manifestada em Cristo como o sentido global da criação. Por Cristo temos possibilidade de acesso ao significado maior e último do mundo em que vivemos. Ele mostra que Deus é além e outro do mundo, mas a experiência de Deus é feita na profundidade das vivências cotidianas. Somente assim ele torna-se o sentido global da história. A expressão da fé, transmitida e vivida nos sacramentos, não exaure a totalidade da riqueza do mistério no qual se crê — Deus e o seu projeto salvífico. Contudo, a linguagem cristã, “mesmo nos limites da sua formulação e das pessoas que a acolhem, dá acesso à verdade integral da fé revelada, ou seja, à plenitude da salvação e da vida no Espírito Santo” (COMISSÃO INTERNACIONAL CATÓLICA-ORTODOXA CALCEDONENSE, n. 9, p. 781). Assim, um sacramento é “a atualização dos gestos de salvação realizados por Jesus”, como “o memorial vivente” (GRUPO DE DOMBES, 2000, n. 128, p. 424). A realidade do sacramento se explica pelo fato de que nele a obra salvífica de Cristo é realizada ao mesmo tempo em que é expressada. Por eles, na oração e na fé da igreja criam-se realidades novas, uma vez que é o Espírito quem está agindo. Os sacramentos são

sinais e selos sagrados visíveis, instituídos por Deus, de modo que, pelo nosso uso deles, ele pode nos fazer compreender melhor a promessa do evangelho e selá-la. Esta promessa do evangelho é que, por causa do único sacrifício de Cristo terminado na cruz, ele nos concederá pela graça o perdão dos pecados e a vida eterna (COCHRANE, 2003, p. 316).

6. Símbolos da comunhão

Ao designarmos os sacramentos como “símbolos” estamos entendendo que a sua natureza, por um lado, se enraíza em algo que é sensível, material, concreto. Por outro lado, sua realização aponta para realidades que estão muito além do mundo sensível, algo espiritual que é comunicado pelo símbolo. Se o símbolo comunica algo, é porque ele “contém” em si o que comunica. E por isso entendemos ser adequado chamar os sacramentos de símbolos, em sintonia com a afirmação patrística de que os sacramentos contém o que significam – a graça. Os sacramentos têm uma natureza essencialmente simbólica.

Os sacramentos são símbolos da comunhão com Deus, com a comunidade de fé, com outras comunidades cristãs, com a humanidade inteira e com a criação. Na igreja primitiva, ao receber o símbolo da fé, o catecúmeno professa a comunhão com Deus Trindade, cujo amor do Pai permite ao Filho que nos dê o Espírito da unidade. E essa profissão de fé é afirmada também na celebração dos sacramentos como símbolos de comunhão. Cria-se um comportamento contemplativo do Deus Trindade, comungando com seu mistério mais profundo. É vivência da santidade. Aquele que é Santo nos santifica e pelos sacramentos progredimos no caminho da santidade: “Sede santos como eu sou santo” (Lv 23,7).

A comunhão com Deus realizada pelos sacramentos se expressa na comunhão também com a comunidade, objeto segundo que se auto-reconhece na fé professada no símbolo sacramental. Sem a comunidade como espaço concreto da vivência da fé, a comunhão com Deus é abstrata. Assim, o Batismo expressa a comunhão com o Deus uno e trino e com a comunidade onde o Batismo acontece; e a Eucaristia é uma comunhão ainda mais íntima com Cristo e a expressão maior de ser parte do seu corpo, a igreja; a Penitência nos reconcilia com Deus e com os irmãos da comunidade. Desse modo, o símbolo sacramental permite que nos tornemos sujeitos numa situação de relação com outros sujeitos. Ao ver uma cruz, por exemplo, me reconheço como cristão e me sinto membro da comunidade cristã: “o símbolo é um mediador de identidade somente sendo um criador de comunidade” (CHAUVET, 2001, p. 74). O Espírito agindo nos símbolos da

comunhão fortalece a fraternidade eclesial de modo que todos possam clamar *Abba, Pai*, por se reconhecerem como irmãos. Essa comunhão se funda no amor de Deus por nós e torna-se ato de amor cotidiano porque “Deus é amor” (1Jo 4,8), e “nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,34-35).

Apresenta-se aqui um grande desafio ecumênico para os cristãos: fazer com que a comunhão não seja exclusiva aos participantes de uma determinada comunidade ou igreja. Todos os que professam a fé cristã são chamados a se sentirem incluídos *numa mesma* comunhão sacramental. Por isso a comunhão simbolizada nos sacramentos impele à superação das divisões existentes no mundo cristão, cumprindo o mandato de Cristo: “Que todos sejam um!” (Jo 17,21). Não é possível continuar celebrando os sacramentos como símbolos de comunhão e não assumir o compromisso de fazer com que nessa comunhão estejam todos os que na atualidade “comungam” em igrejas separadas. Como símbolos da comunhão os sacramentos nos comprometem a uma profunda revisão do nosso modo de ser cristão e ser igreja, de modo a alargar as fronteiras da comunhão para além de nós mesmos.

E isso como um serviço ao mundo. A humanidade é carente de relações de fraternidade, reconciliação, comunhão. E a nossa comunhão com Deus e na comunidade, enraizada e fortalecida pela vivência dos sacramentos, nos torna anunciadores e testemunhas de uma comunhão que vai muito além das nossas igrejas. O desígnio divino de comunhão amorosa inclui toda a humanidade e a criação: “Pois nele aprouve a Deus fazer habitar toda a plenitude e reconciliar por ele e para ele todos os seres, os da terra e os dos céus, realizando a paz pelo sangue de sua cruz” (Cl 1,19-20). É Cristo quem age no símbolo sacramental, pelo seu Espírito, no seio da igreja para criar comunhão na igreja e para além dela: “Quando for levantado da terra atrairei todos a mim” (Jo 17,20-23). Desse modo, a comunhão sacramental é simbolização do Reino, antecipando na história a vivência da realidade última a qual todos somos chamados: deixar Deus ser “tudo em todos” (1 Cor 15,28).

7. Implicações litúrgicas

Isso tem implicações na liturgia que as comunidades cristãs realizam. A celebração sacramental e litúrgica se desenvolve no âmbito do mundo. A assembleia litúrgica é voltada para o mundo, onde o Senhor a convoca e ao qual Ele a orienta (GRUPO DE DOMBES, 2000, n. 111, p. 420). A liturgia cristã assume do mundo vários elementos e os transfigura inserindo-os no seu horizonte teológico. Elementos da criação, da cultura, da linguagem, dos gestos e símbolos que fazem parte do cotidiano da sociedade são incorporados na celebração dos sacramentos. Pelos elementos utilizados a liturgia torna-se, literalmente, um “serviço” a Deus, à igreja, ao mundo. Como serviço, no momento da intercessão no memorial do Senhor, a liturgia recorda os membros da sociedade humana e intercede por eles, por quem suplica o Espírito que sustenta na fé, implora pelo perdão dos pecados e a bênção para uma vida feliz; oferece a Deus os frutos da terra e se compromete a promover a sua distribuição entre todos os povos. Assim fazendo, a liturgia convida o mundo a tomar consciência da presença de Deus, a louvá-lo e a abandonar tudo o que pode ferir a relação com Ele: “a celebração da Igreja é o sacramento ou incorporação da celebração para a qual a inteira humanidade é chamada e a qual, mais ou menos de forma anônima, toma lugar também para além das fronteiras sacramentais da Igreja” (GROOT, 1967, p. 63).

Por isso é de fundamental importância que na liturgia cristã algumas relações sejam estabelecidas, entre outras:

a) *Sacramentos e justiça social*: os sacramentos são sinais visíveis do que produzem a vida da graça em Deus de forma bem concreta no cotidiano da vida dos fiéis. Isso significa que em situações de injustiça, sacramentos realizam a justiça que liberta e produzem novas relações e novas realidades. Assim, celebrar os sacramentos implica em assumir processos de superação de toda forma de injustiça. Estar na comunhão sacramental implica estar na comunhão com quem sofre em nosso mundo: “a sacramentalidade profética da Igreja realiza-se construindo a comunidade eclesial como sinal de fraternidade e de filiação diante do mundo, mas exige também que a própria Igreja tenha nos pobres seu ponto focal, tanto de sua estruturação eclesial (cf Tg 2,1-9) como de sua missão no mundo” (CODINA, 1985, p. 19).

b) *Sacramentos e inculturação*: toda liturgia sacramental está inserida em uma cultura que “reflete a sua sabedoria e guia o povo de Deus para Cristo através daquela sabedoria” (LEVERING, 2015, p. 430). A liturgia tem poder para criar convicções e orientar o comportamento de seus membros através da interação entre os princípios de fé e os princípios socioculturais. Na liturgia sacramental esses princípios são assumidos existencialmente e tornam-se o horizonte de sentido da vida das pessoas, tanto individual quanto coletivamente. Mas não se pode identificar sem mais a liturgia sacramental e cultura. É importante diferenciar o conteúdo religioso das suas expressões culturais, os significados imutáveis dos símbolos relativos, as afirmações de fé do condicionamento histórico da percepção. Assim, a liturgia cristã funciona como uma espécie de julgamento dos valores sócio-culturais, e por isso é também sempre “transcultural”, apoiando aqueles elementos culturais que condizem com a proposta do Evangelho. Esse apoio não pode ser ingênuo. A liturgia o faz com força profética, num espírito de discernimento crítico dos princípios sociais que favorecem à realização humana na comunhão, na liberdade, na dignidade, na justiça e na paz.

c) *Sacramentos e gênero*: mostra a dignidade entre homens e mulheres na liturgia sacramental. A compreensão da condição da mulher na igreja exige uma análise capaz de elucidar a complexidade da situação da mulher na sociedade como um todo, numa leitura do seu lugar e do seu papel nos processos vitais da vida social. Historicamente, trata-se de uma realidade complexa por diversos fatores. Destes, destaca-se o cultural, predominantemente marcado por ideologias patriarcalistas que colocam a mulher numa condição subalterna em relação ao homem. Essa ideologia penetrou também nos espaços eclesiais, onde se reproduzem relações de poder que excluem as mulheres das instâncias de decisões e de governo, com pretensa justificação teológica.

A mudança de tal realidade implica uma revisão de princípios teológicos e modelos culturais que mantêm o *status quo* da relação homem-mulher na comunidade eclesial. E isso implica mudanças na sociedade como um todo. Por um lado, isso diz respeito à política que rege a relação entre os cidadãos e cidadãs no meio social. Por outro lado, diz respeito à fé cristã, numa nova concepção da igreja, em suas doutrinas e estruturas, de modo a possibilitar a formação de comunidades sustentadas na comunhão e participação, com igualdade de condições, direitos e deveres, entre todos os seus membros.

d) *Sacramentos e ecologia*: mostra a dimensão sacramental do cosmos atingindo a infinitude nas espécies do pão e vinho consagrados. Tem relação com o que dissemos acima sobre a sacramentalidade do mundo. A liturgia sacramental utiliza elementos da natureza e possibilita rever o lugar e o papel do ser humano no conjunto da criação. Questiona as atitudes e os projetos que causam a destruição ambiental e desperta para a criação do paradigma ecológico na compreensão da realidade como um todo. Assim, desenvolve-se uma perspectiva holística que mostra uma profunda interação entre o ser humano e a totalidade da criação. Os sacramentos possibilitam uma reconciliação do ser humano com a criação, desenvolvendo uma “ecologia integral” (papa Francisco). Ao invés de dominar e explorar, ao humano cabe uma responsabilidade especial de cuidar e conservar a *oikoumene*. A humanidade e criaturalidade humilde de Jesus são paradigmas para isso: Ele contempla o projeto de Deus nos pássaros do céu e nos lírios do campo (Mt 6, 26-28); Ele vê a grandiosidade e nobreza entre os mais simples dos humanos (Mt 18,3); Ele conhece o segredo de cada fio de cabelo (Lc 12,7; 21,18). Jesus valoriza cada coisa e cada criatura, numa comunhão amorosa que se relaciona de um modo particular e único, inclusivo. Trata-se do processo de “amorização” (Teilhard de Chardin), a atração cristocêntrica de todo o universo. E disso depende a existência de todas as coisas, pois “tudo n’Ele se mantém”. Isso significa uma relação de aliança e companheirismo, numa verdadeira fraternidade criatural, onde a vida de um ser tem uma profunda interação com a vida de outro ser. Afinal, “tudo está interligado” (LS 16) Assim, a liturgia sacramental penetra no sentido misterioso da criação, num ato de gratidão e de louvor a Deus por tudo o que existe e articula a igreja toda em projetos comuns para a defesa e a promoção de todas as formas de vida.

e) *Sacramentos e ética*: orienta o comportamento cristão ao longo da existência. A crise da humanidade, manifestada por situações de injustiça na relação entre pessoas e povos, é uma crise ética, decorre da ambição de setores, sobretudo de grupos econômicos hegemônicos de nível internacional que, historicamente, em sua ânsia por acumular, desenvolvem todo tipo de exploração e violência contra as pessoas e o ambiente. A injustiça manifestada pela exploração interesseira surge do desejo de domínio; os sistemas econômicos estabelecem hierarquias entre pessoas e povos, fazendo com que a vida humana e os recursos da natureza sejam percebidos apenas pela ótica comercial. Nada

escapa à ânsia de dominação dos impérios políticos e econômicos. A consequência é o agravamento de situações de pobreza, miséria, fome e destruição ambiental.

Nesse contexto, a liturgia sacramental tem implicações éticas no sentido de compromisso e responsabilidade pelo outro, buscando superar todas as relações que diminuem a dignidade do ser. Supera a violência e as ideologias que fragmentam a vida na multiplicidade do finito. Celebrar o sacramento é com-celebrar, numa crítica ao egoísmo, egocentrismo, individualismo e pragmatismo da cultura contemporânea. Em contrapartida, a liturgia sacramental orienta a vida como o bem comum maior nesta existência e a afirma como princípio ético absoluto e normativo de todos os demais princípios, tais como a verdade, a dignidade, a liberdade, embasando-os num horizonte místico no qual acontecem as relações entre pessoas, povos e toda a criação.

Tal é a urgência de uma nova teologia e liturgia sacramental para os tempos atuais, assumindo com seriedade a forma temporal e sociocultural do mundo e apontando para as possibilidades de reintegração dos fragmentos da finitude. É preciso construir uma nova visão sociocultural dos sacramentos que leve a mudanças na teologia tradicional, desenvolvendo novas perspectivas para a compreensão e celebração da fé cristã na atualidade. Aqui se propõe revisão para conceitos como “causa”, “eficácia”, “presença”... Mesmo que, ao menos por ora, tais conceitos pareçam insubstituíveis, tal como a ideia de “presença” na compreensão do mistério eucarístico, por exemplo. O desafio é equilibrar o progressivo esforço de revisão da teologia sacramental, com a preservação e continuidade do conteúdo de sempre da fé celebrada nos sacramentos.

Conclusão

Refletimos aqui sobre a possibilidade de uma teologia ecumênica dos sacramentos, apresentando elementos para tal. Temos ciência de que toda teologia dos sacramentos tem caráter confessional, se desenvolve num chão eclesial específico, pois não existem sacramentos para toda e qualquer igreja. Além disso, no estado de divisão em que as igrejas se encontram, um sacramento é muitas vezes afirmado em oposição ao sacramento de outra igreja. Mas é justamente aqui que se encontra a nossa proposta: mostrar que os sacramentos, como dom de Deus para quem professa a fé em Cristo, são sacramentos de *toda* a

igreja, entendida como a *única* igreja de Cristo, formada por todas as pessoas batizadas em nome do Deus Uno e Trino. Assim, não pode haver uma injusta apropriação confessional do dom sacramental que é dado universalmente. Essa conclusão nos leva a compreender a importância de buscar a reconciliação entre as igrejas que se expresse numa comum compreensão e vivência dos sacramentos. Então uma *teologia ecumênica dos sacramentos* contribui para identificar os motivos pelos quais as igrejas estão distanciadas na vivência dos sacramentos e aponta caminhos para efetivas convergências e consensos. Os sacramentos são, portanto, sinais, meios, e instrumentos para a reunificação histórica da igreja, são símbolos da comunhão que Cristo quer para quem n'Ele crê e para a sua igreja una e única.

Referências

AUER, J.; RATZINGER, J. *Dogmatic Theology – A general doctrine of the sacraments and the mystery of the Eucharist*. Washington: The Catholic University of America Press, 1995.

BARTH, K. *Church Dogmatics IV: 2: The Doctrine of Reconciliation*. Edimburgh: T&T. Clark, 1967.

BOROBIO, D. *A Celebração na Igreja I – Liturgia e sacramentologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 1990.

BROWNING, R. L.; REED R. A. *The Sacraments in Religious Education and Liturgy: an ecumenical model*. Birmingham: Religious Education Press, 1985.

CASARELLA, P. J. Catholic sacramental theology in the twentieth century. In: BOERSMA, H.; LEVERING, M. *Sacramental Theology*. Oxford: University Press, 2015. p. 417-432.

CHAUVET, L.-M. *The Sacraments – The word of God at the mercy of the body*. Minnesota: The Liturgical Press, 2001.

COCHRANE, A. C. *Reformed Confessions of the Sixteenth Century*. Rev. ed. Louisville, KY: Westminster John Knox, 2003.

CODINA, V. *Os Sacramentos Hoje – Teologia e Pastoral*. São Paulo: Loyola, 1985.

COMISSÃO INTERNACIONAL CATÓLICA-ORTODOXA CALCEDONENSE. Fede, sacramenti, unità della chiesa. In: *Enchiridion Oecumenicum*, v. III. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 1995. p. 777-791.

ELLIS, C. Baptism and the Sacramental Freedom of God. In: FIDDES, P. (ed). *Reflection on the Water*. Oxford: Regent's Park College, 1996. p. 23-45.

FIEDLER, E. J.; GARRISON, R. B. *The Sacraments: An experiment in ecumenical honesty*. Nashville/New York: Abingdon Press, 1969.

FORSYTH, P. T. *The Church and the Sacraments*. London: Independent Press, 1917.

GROOT, J. The Church as sacrament of the World. *Concilium*, 32, p. 51-66, 1967.

GRUPO DE DOMBES. Lo Spirito santo, la Chiesa e i sacramenti. In: *Enchiridion Oecumenicum*, v. 2. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 2000. p. 381-426.

LEVERING, M. *Sacramental Theology*. Oxford: University Press, 2015. p. 417-432.

MARSILI, S. *Sinais do Mistério de Cristo – Teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 2010.

McCLENDON JR., J. W. *Systematic Theology: Doctrine*. Nashville, TN: Abingdon Press, 1994.

MOORE-KEISH, M. L. Twentieth-Century and contemporary protestant sacramental theology. In: BOERSMA, H.; LEVERING, M. *Sacramental Theology*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

MERLEAU-PONTY, M. *Phenomenology of Perception*. London: Routledge and Kegan Paul, 1962.

RAHNER, K. *Escritos de Teología*. Vol. III. Madrid: Ediciones Cristiandad, 2002.

SCHNACKENBURG, R. Sakrament. *Apud* HOTZ, R. Sacramento/Sacramenti. In: *Dizionario del Movimento Ecumenico*. Bologna: EDB, 1994. p. 949.

VORGRIMLER, H. *Sacramental Theology*. Minnesota: The Liturgical Press, 1992.

WOLFF, E. Sacramentos e ecumenismo: questões sobre o significado, a instituição e o número dos sacramentos. *Estudos Teológicos*, v. 58, p. 392-406, 2018.

WOLTERSTORFF, N. Sacrament as Action, not Presence. In: BROWN, D.; LOADES, A., *Christ: the Sacramental Word*. London: Great Britain, 1996. p. 103-122.

YODER, J. H. *Body Politics: Five Practices of the Christian Community before the Watching World*. Nashville, TN: Discipleship Resources, 1992.

RECEBIDO: 05/02/2020
APROVADO: 24/11/2020

RECEIVED: 02/05/2020
APPROVED: 11/24/2020